

**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE**  
**CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS**  
**CURSO DE JORNALISMO**

**NATHÁLIA SODRÉ**

**UM ESTUDO SOBRE VIOLENCIA OBSTÉTRICA PARA A REALIZAÇÃO DO LIVRO**  
**REPORTAGEM: “AS FACES DA DOR- A VIOLÊNCIA POR TRÁS DO PARTO”**

**SÃO PAULO**

**2º SEMESTRE / 2019**

**NATHÁLIA SODRÉ**

**UM ESTUDO SOBRE VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA PARA A REALIZAÇÃO DO LIVRO-  
REPORTAGEM: “AS FACES DA DOR - A VIOLÊNCIA POR TRÁS DO PARTO”**

Relatório Final do TCC II (Trabalho de Conclusão de Curso) apresentado ao Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação do Sr Professor Dr André Cioli T. Santoro.

**SÃO PAULO**

**2º/ 2019**

Este trabalho de Conclusão de Curso não reflete a opinião da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Seu conteúdo e abordagem são de total responsabilidade de sua autora.

## **RESUMO**

O presente trabalho de conclusão de curso teve como principal finalidade elaborar um livro-reportagem sobre o cenário da violência obstétrica no Brasil, usando como enfoque histórias de mulheres que durante o processo da gravidez sofreram com ações e procedimentos considerados violentos e inadequados. O processo de elaboração foi dividido em pré-apuração, na qual foi realizado um estudo sobre o panorama atual da violência obstétrica no Brasil, procedimentos utilizados durante o parto e os principais termos médicos. Com a pesquisa de campo foram reunidas experiências próprias, informações adicionais e relatos das personagens retratados no livro. Essas duas etapas resultaram na finalização do livro reportagem intitulado “As faces da dor- a violência por trás do parto”.

**Palavras-chave:** Parto. Violência obstétrica. Livro-Reportagem.

## **ABSTRACT**

The main purpose of this course conclusion paper was to elaborate a report book on the scenario of obstetric violence in Brazil, focusing on stories of women who during the process of pregnancy suffered from actions and procedures considered violent and inappropriate. The elaboration process was divided into pre-verification, in which a study was conducted on the current panorama of obstetric violence in Brazil, procedures used during childbirth and the main medical terms. With the field research were gathered their own experiences, additional information and reports of the characters portrayed in the book. These two steps resulted in the completion of the report book titled “The Faces of Pain - the Violence Behind Childbirth”.

**Keywords:** Obstetric violence. Book Reportage. Childbirth.

## **AGRADECIMENTOS**

Ser jornalista era um sonho que se iniciou quando eu ainda era criança. Desde o momento em que eu coloquei o salto alto da minha mãe e fui brincar de ser jornalista em frente ao espelho, até o momento atual, a certeza de que este era o meu caminho e não outro, só aumentou. Esse sonho está prestes a se realizar e tenho muito a agradecer às pessoas que foram essenciais nessa trajetória.

Primeiramente, gostaria de agradecer à minha avó de criação, Gilda Gonçalves Batista, a quem dedico este livro, com todo o meu coração. Ela foi quem me alfabetizou, me ensinou a viajar através da leitura e me incentivou a seguir este caminho. Não poderia deixar de agradecer e dizer o quanto sou eternamente grata aos meus pais, Miriam Fernandes e Wellington Sodré e a minha irmã, Gabriella Batista Sodré, por sonharem ao meu lado e me apoiarem em todas as decisões.

Também deixo meus muitos agradecimentos a cada um dos professores, os quais dedicaram seu tempo para fazer a diferença. O que aprendi com vocês não pode ser medido. Um agradecimento em especial ao professor Hugo Harris, que me ajudou a dar vida a este livro quando eu ainda não sabia nomear exatamente a mensagem que eu queria passar com ele. Eu tinha apenas algumas ideias que se concretizaram com a ajuda do meu orientador, André Santoro, que teve a paciência de me guiar durante esse processo. Nunca irei esquecer de que para criar um livro-reportagem preciso de “menos elucubrações”!

Às minhas fontes, um muito obrigada pela confiança e por compartilharem comigo uma parcela tão particular de suas vidas. Sem vocês eu não conseguiria criar um livro repleto de sensações, reflexões e histórias.

Agradeço imensamente ao meu parceiro de vida, Ricardo Marchetti, que me acompanhou durante esses quatro anos de faculdade à quase todas as minhas idas à campo, me ajudando nas produções de matérias e trabalhos, além de estar presente também nos encontros com fontes, palestras e debates. Sou muito grata à sua ajuda e é com muito amor que dedico este livro a você também, afinal, ele é um pouquinho seu! Como eu sempre digo: “jornalista você já é, só faltou o diploma”!

Por fim, deixo aqui meus agradecimentos aos familiares e amigos que fizeram esse sonho se tornar tão grande e real! Muito obrigada!

## **SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>1. REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>11</b>
1.1. Discussão sobre Violência Obstétrica	11
1.2. Aspectos do livro-reportagem	14
<b>2. DESENVOLVIMENTO DA PEÇA</b>	<b>16</b>
2.1. Estilo, linguagem e narrativa	16
2.2. Personagens	16
2.3. Planejamento Editorial	18
2.3.1. Capítulos do livro e suas angulações	18
2.3.2. Layout	21
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>21</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>22</b>

“Para mudar o mundo, é preciso  
primeiro, mudar a forma de nascer”

(Michel Odent)



## INTRODUÇÃO

Durante nove meses, as mulheres que aceitam ser mães se preparam para um dos momentos mais importantes de sua vida: o parto. Devido às suas apreensões, medos e escolhas, elas deveriam decidir em tese, o que seria melhor para elas, sendo protagonistas de suas próprias jornadas. Todavia, muitas vezes na prática, a vontade da mulher não é sequer ouvida, sendo suas escolhas desrespeitadas.

Este projeto embasa a realização de um livro-reportagem sobre violência obstétrica e suas implicações. A violência obstétrica afeta boa parte de mulheres no país, atingindo uma em cada quatro gestantes, segundo o estudo “Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado”, divulgado pela Fundação Perseu Abramo em parceria com o Serviço Social do Comércio (SESC), em 2010.

Caracteriza-se como violência obstétrica qualquer tipo de violência verbal ou física, negligenciar atendimento, dificultar possibilidade de acesso a serviços, negar alívio da dor por meio de anestésias, recusar conceder direitos como a escolha pelo tipo de parto ou proibir o direito a um acompanhante, mesmo que isso seja garantido pela Lei Federal nº 11.108, de 07 de abril de 2005.

Entre os casos mais graves, está a realização da Manobra de Kristeller (procedimento no qual um membro da equipe médica aplica uma pressão na parte superior do útero no momento em que ocorre uma contração, podendo causar lesões e rompimentos de órgãos da mãe e fraturas no bebê). Não existe qualquer evidência científica de que a manobra tenha algum benefício para o feto ou para mãe. Apesar disso é realizada em cerca de 1/3 das mulheres brasileiras, segundo estudo “Nascer no Brasil: inquérito nacional sobre parto e nascimento”, conduzido pela Fundação Oswaldo Cruz, em parceria com a Agência Nacional de Saúde Suplementar publicada em 2014. Outra prática muito realizada de forma rotineira, mas que também não tem qualquer evidência de benefício, é a chamada episiotomia (corte entre a vagina e o ânus). Sua realização pode causar inúmeras complicações como por exemplo, dor e infecção.

Também são classificados como violência, o assédio sexual durante o pré-natal, imposição de posição durante o parto normal, agendamento de cesariana via coação ou falta de consentimento esclarecido pela gestante,

afastar o bebê saudável da mãe após o parto sem nenhuma justificativa e impedir a amamentação na primeira hora de vida do recém-nascido

Considerando os dados expostos acima, a pergunta-problema que norteia o este relatório é: de que forma um livro-reportagem pode abordar os efeitos sociais, físicos e psicológicos da violência obstétrica?

Para tal, considerando a temática do problema e o formato do projeto, o objetivo principal do mesmo foi produzir um livro-reportagem sobre a violência obstétrica sofrida por mulheres no Brasil. Os objetivos secundários foram investigar as prerrogativas de tal violência e seu impacto na saúde pública. Da mesma forma, o trabalho também buscou investigar se há leis vigentes para punir tais práticas e assegurar direitos ou se há qualquer tipo de disparidade, preconceito ou seletividade para com as vítimas.

A violência obstétrica é um interessante objeto de estudo, visto que carece de exploração temática. Por esse motivo, é de suma relevância discutir, analisar e expor o tema em um livro-reportagem para promover maiores informações por meio de explicações e depoimentos. É de responsabilidade do jornalista divulgar fatos e as informações de interesse público. Além disso, segundo o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, art. 6º inciso XIV, é dever do jornalista combater a prática de perseguição ou discriminação por motivos sociais, econômicos, políticos, religiosos, de gênero, raciais, de orientação sexual, condição física ou mental, ou de qualquer outra natureza.

Quanto à escolha da peça, é interessante falar de um tema complexo e denso em um livro-reportagem, por permitir maior detalhamento de informações obtidas por meio da apuração jornalística. Além disso, o livro foi considerado ideal por permitir a transmissão de emoções, por meio de um texto mais livre.

O ponto de partida se dá por meio da pesquisa. Para a realização do embasamento teórico deste relatório, foi necessária a leitura das seguintes obras: “O que é livro reportagem”, de Edvaldo Pereira Lima; “Com dor, darás à luz”, de Thaís Macedo. Também foram lidos os artigos: “O ‘corte por cima’ e o ‘corte por baixo’: o abuso de cesáreas e episiotomias em São Paulo”, de Simone Diniz e Alessandra Chacham; O Jornalismo Literário como gênero e conceito, de Felipe Pena; “Violência obstétrica no Brasil: uma revisão narrativa”, de Gabriela Lemos de Pinho, Magaly Uribe, Ana De Nadal e Luíza Fernanda Habigzang, o dossiê elaborado pela Rede Parto do Princípio para a CPMI da violência contra

as mulheres, “Parirás com dor”, o “Projeto de Lei 435/2019” intitulado como “PL das Cesáreas”, elaborado pela deputada estadual Janaína Paschoal (PSL), bem como a matéria “Deixei virgencinha pra você”, publicada online pela The Intercept Brasil. Todo este vasto material serviu para aumentar o repertório e ajudar a desenvolver a conduta narrativa da peça.

Entrevistas são outra parte importante do trabalho, pois o livro-reportagem trabalha com personagens. Para isso busquei ouvir mulheres com diferentes histórias sobre violência obstétrica em diversos cenários e contextos. Os relatos foram equilibrados com entrevistas de especialistas e profissionais da saúde, além da ambientação por meio da ida à campo em casas de partos, maternidades e escritórios, a fim de respeitar o propósito inicial do trabalho: buscar produzir um livro reportagem que relate o cenário de violência obstétrica no Brasil bem como suas prerrogativas.

## **1. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **1.1. Discussão sobre Violência Obstétrica**

Por meio do avanço da medicina, o parto passou a ser protagonizado em hospitais e não mais nas casas das famílias. Segundo informações do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde- DATASUS, de 2015, 98,08% dos nascimentos acontecem em hospitais. “A partir dos anos quarenta, começou a crescer a tendência à hospitalização dos partos, e chegamos ao final do século passado com mais de 90% dos partos realizados em hospitais” (RATTNER, 2009, p. 1).

Com a crescente demanda, o rápido aumento do uso de tecnologia e a busca por maior qualidade fez com que houvesse um crescimento significativo de procedimentos inadequados e desnecessários, ocasionando no quadro de mais uma violência contra a mulher: a obstétrica.

A violência obstétrica compreende o uso excessivo de medicamentos e intervenções no parto, assim como a realização de práticas consideradas desagradáveis e muitas vezes dolorosas, não baseadas em evidências científicas. Dessa forma, a violência obstétrica é considerada uma violação dos direitos das mulheres grávidas em processo de parto, que inclui perda da autonomia e decisão sobre seus corpos. Nesse sentido, significa a apropriação dos processos reprodutivos das mulheres pelos profissionais da saúde, através de uma atenção mecanizada, tecnicista, impessoal e massificada do parto. (ZANARDO, *et al.*, 2017, p. 5)

No Brasil, uma a cada quatro mulheres sofre algum tipo de violência durante o parto, segundo a pesquisa “Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado”, divulgado pela Fundação Perseu Abramo em parceria com o Serviço Social do Comércio (SESC), 2010. Os atos caracterizados como violência obstétrica, segundo um dossiê elaborado pela Rede Parto do Princípio para a CPMI da Violência Contra as Mulheres (2012) são todos aqueles “praticados contra a mulher no exercício de sua saúde sexual e reprodutiva, podendo ser cometidos por profissionais de saúde, servidores públicos, profissionais técnico-administrativos de instituições públicas e privadas, bem como civis”

O desrespeito com as gestantes abrange o setor público e privado de saúde e a falta de informação contribuiu para alavancar diferentes casos. Segundo Garcia, Diaz e Acosta (2013, p. 1895) a maioria das mulheres têm medo de perguntar sobre as intervenções e procedimentos a serem realizados e por isso há a aceitação de situações incômodas.

As intervenções médicas podem ser realizadas quando há uma necessidade real para que elas aconteçam. Todavia, alguns procedimentos realizados em partos se mostram desnecessários e sem qualquer indício de benefício. “Durante o trabalho de parto e o nascimento deve haver um motivo válido para interferir num processo natural, motivo este ligado a complicações da mulher ou da criança” (DINIZ; CHACHAM, 2006, p.81). Acontece que há uma série de procedimentos que não são recomendados sob nenhuma circunstância, mas que continuam sendo realizados com base em um modelo antigo.

Na maioria das escolas de medicina do Brasil, os profissionais de saúde ainda aprendem o modelo intervencionista. Habilidades cirúrgicas e sofisticados exames patológicos são bastante valorizados, enquanto cuidados focados na mulher para um parto normal e a comunicação e interação com a parturiente recebem comparativamente pouca atenção. (DINIZ, CHACHAM, 2006, p.81)

De acordo com a pesquisa “Nascer no Brasil: inquérito nacional sobre parto e nascimento”, conduzida pela Fundação Oswaldo Cruz, em parceria com a Agência Nacional de Saúde Suplementar, (2014), 53,5% das mulheres entrevistadas que tiveram parto normal sofreram episiotomia, corte feito no períneo para aumentar o canal de passagem do bebê. Há também relatos do chamado “ponto do marido”, o qual corresponde a um ponto a mais dado pelo

médico na costura da episiotomia para que a entrada da vagina fique mais estreita.

Há três problemas com o corte: não há evidências científicas de que ele seja necessário, ele não pode ser feito sem autorização das mulheres e a costura em hipótese alguma deveria se estender além do necessário, muito menos com objetivo de apertar vaginas e satisfazer homens. É por causa desse hábito dos maus obstetras, a mais machista das formas de violência que uma mulher pode sofrer durante o parto, que a costura exagerada ganhou o apelido de “ponto do marido. (DE LARA, The Intercept Brasil, 2018, on-line)

As intervenções desnecessárias não respeitam o tempo fisiológico do parto. Além disso, o processo passa a ser doloroso, visto que “alguns profissionais da saúde acreditam que uma intensificação da dor é aceita pelas mulheres porque abrevia o tempo do trabalho de parto” (DINIZ; CHACHAM, 2006, p.83). Os procedimentos realizados de forma agressiva podem se tornar perigosos para saúde da mãe e do bebê, como é o caso da Manobra de Kristeller.

A manobra de Kristeller se enquadra em violência obstétrica e consiste em uma manobra na qual é exercida pressão sobre a porção superior do útero, no intuito de fazer o bebê sair mais rápido. Porém, essa tentativa de agilizar o processo pode trazer prejuízo tanto para a mãe quanto para o bebê. A mãe pode fraturar as costelas e também pode haver descolamento da placenta, já o bebê pode sofrer traumas encefálicos. (PEREIRA, *et al.*, 2016, p. 2-3)

Um dos fatores que também contribuem para o cenário de violência obstétrica no Brasil é o alto número de cesarianas. A Organização Mundial da Saúde sugere que haja somente 15% de intervenção cirúrgica na hora do nascimento, entretanto, no país esse número extrapola o permitido: segundo a pesquisa “Nascer no Brasil”, na rede privada de saúde, 90% dos nascimentos são por cesárea e na rede pública 45%. “A cesárea é praticada em mais de dois terços dos nascimentos do setor privado de saúde no Brasil onde, teoricamente, as mulheres têm mais escolhas” (DINIZ, CHACHAM, 2006 p. 84).

As ações médicas devem prezar pela dignidade e valorização da vida. Em um cenário de violência, porém, as atitudes dos profissionais, infelizmente não respeitam direitos e decisões, muitas vezes porque a equipe médica não têm o entendimento de que estão adotando condutas e atos caracterizados como violência obstétrica.

## 1.2. Aspectos do livro-reportagem

O produto dessa pesquisa é um livro-reportagem sobre violência obstétrica. Para a sua produção é preciso responder à indagação do que é um livro-reportagem e porque ele é útil para o jornalismo. De acordo com Belo (2006, p.41), “o livro vem fazer a tradução, interligar pedaços de fatos expostos de maneira fragmentada”. Essa fragmentação é própria do modo tradicional de se fazer jornalismo que tem a necessidade de publicar notícias rapidamente com as velhas técnicas, preso a perguntas de o quê, como, quando e onde; além da exigência de um texto curto e com pouco prazo de apuração. “O jornalismo se propõe processar informação em escala industrial e para consumo imediato” (LAGE, 2001 p.35).

Esse método torna uma matéria muitas vezes superficial, sem demais aprofundamentos. Segundo Lima, “o jornalismo convencional só se preocupa com o agora, só está interessado no hoje -naquilo que é efêmero- caminhando rapidamente para o passado” (LIMA, 1993, p.18). Não há espaço para abordagens mais criativas ou imersões nos temas, devido ao fato de haver um *deadline* a ser cumprido e um público a ser informado quase que de segundo a segundo. A rapidez no processo jornalístico está relacionada ao conceito de imediatismo de Nelson Traquina (2005).

As notícias são vistas como um “bem altamente perecível”, valorizando assim a velocidade. O imediatismo age como medida de combate à deterioração do valor da informação. Os membros da comunidade jornalística querem as notícias tão “quentes” quanto possível, de preferência “em primeira mão”. Notícias “frias” são notícias “velhas”, que deixaram de ser notícia. (TRAQUINA, 2005, p.37)

Enquanto o jornalismo cotidiano busca atender os requisitos do imediatismo, o livro-reportagem tem como objetivo ser o contrário. Se o jornalismo tem como base a temporalidade, a centralidade do livro-reportagem é definir um tema atemporal, para que o público mantenha seu interesse daqui a dez ou vinte anos. Entretanto, de acordo com Felipe Pena, o livro reportagem não deve ignorar o que aprendeu no jornalismo diário, muito menos se desfazer das técnicas narrativas:

O que ele faz é desenvolvê-las de tal maneira que acaba constituindo novas estratégias profissionais. Mas os velhos e bons princípios da redação continuam extremamente importantes, como, por exemplo, a apuração rigorosa, a observação atenta, a abordagem ética e a

capacidade de se expressar claramente, entre outras coisas. (PENA, 2006, pp. 6- 7)

O livro-reportagem é uma alternativa para fugir dos vícios do jornalismo cotidiano e ampliar o trabalho da imprensa tradicional. "Ele não substitui nenhum meio de comunicação, mas serve de complemento a todos" (BELO, 2013, p. 41). O papel do livro-reportagem vai além de expor acontecimentos noticiosos com rigor, tendo como grande vantagem a possibilidade de explorar a pluralidade do assunto além das informações básicas. Segundo Felipe Pena, o livro-reportagem pode:

"Ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, romper as correntes burocráticas do lide, (...) e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira" (PENA, 2006, p. 6).

O livro-reportagem é um tipo diferente de jornalismo e mesmo se tratando de um livro "o autor não inventa nada. Ele se concentra nos fatos e na maneira literária de apresentá-los ao leitor" (PENA, 2013, p. 103). Mas o seu protagonismo dentro da construção da narrativa é mais evidente, visto que em uma reportagem dentro de redações costuma ser bastante limitado.

No que diz respeito ao conteúdo, o livro-reportagem sempre tem o real como base, seja um acontecimento, um processo ou uma condição. Já quanto ao tratamento, a linguagem jornalística é proeminente, com a ressalva de que esse tipo de publicação possibilita um maior destaque do narrador, o que, geralmente, não é comum na linguagem jornalística tradicional do impresso. Por fim, a função dessa modalidade de livro seria, assim como o próprio jornalismo, orientar, informar e explicar determinado fato ou situação. (BARRETOS, 2016, p.57)

Em um livro-reportagem também há a preocupação com uma das etapas mais importantes: a entrevista. "Entrevistador e entrevistado constroem o tom de sua conversa, que evolui e [...] permite-se o aprofundamento e detalhamento dos temas abordados" (LAGE, 2001, p.77). A entrevista se revela como uma forma muito rica para a produção dos textos, passando "emoção, autenticidade, no discurso enunciado (MEDINA, 2001, p.5).

Um bom livro-reportagem deve unir apuração veracidade e informação ultrapassando os limites convencionais do jornalismo.

## 2. DESENVOLVIMENTO DA PEÇA

### 2.1. Estilo, linguagem e narrativa

A pauta centrada em um tema como a violência obstétrica traz uma responsabilidade muito grande. O ponto de partida foi estudá-la para tentar compreender de que maneira seria possível difundir o assunto por meio de uma linguagem equilibrada e que não pudesse ser confundida com uma forma de jornalismo sensacionalista.

O livro-reportagem concede uma liberdade de trabalhar com fatos atemporais em um tom mais sóbrio, desprendido de regras e formalidades. Tais características foram transpostas para a elaboração da peça, a qual adotou um estilo que tende a intercalar um capítulo com a história de seus personagens, e outro com abordagens científicas sobre o tema. Dessa forma, há um fio que conecta uma história a outra. Por exemplo, o capítulo “Trampolim da dor” relata a violência obstétrica sofrida pela jovem Stefany Máximo. O capítulo seguinte, “Mãos violentas”, aborda de forma técnica alguns dos procedimentos violentos sofridos por ela.

Por se tratar de um tema forte, o principal cuidado foi transmitir a informação com a seriedade que ela demanda, porém adotando elementos que pudessem deixar a leitura um pouco mais leve para evitar a perda de interesse do leitor. As ilustrações do livro, por exemplo, foram feitas com o propósito de trazer sutileza, quebrando um pouco a tensão que o tema traz.

### 2.2. Personagens

No momento da apuração, a busca de personagens seguiu um critério particular. Para ilustrar um cenário plural de violência obstétrica, o foco foi conseguir contato com diferentes tipos de mulheres: mãe de deficiente físico; mãe durante a adolescência; parturientes dos sistemas públicos e privados de saúde; mães negras e parturientes que deram à luz via cirurgia cesariana.

Durante a apuração os nomes de Izabela Fernandes, Stefany Máximo, Marisa Caetano e Lisraelle Silva se destacaram e se tornaram imprescindíveis para a elaboração do produto. Elas foram o ponto de partida para um livro-reportagem repleto de fontes.



O primeiro contato foi com Izabela, por meio de uma viagem à sua cidade: Belo Horizonte. A importância de sua história está no fato de ela ser mãe de uma criança com Síndrome de Down e ter sofrido violência obstétrica e preconceito por conta disso. Em São Paulo, a casa de Stefany se tornou o lugar ideal para conversar a respeito da violência sofrida, na maior parte do tempo, por ser adolescente.

A única entrevista feita por telefone, via vídeo-chamada, foi com Lisraelle, por conta da distância. A professora de física mora no interior do Ceará, mas seu depoimento para o livro acrescentaria muito. Em um grupo no *Facebook* sobre violência obstétrica, Lisraelle escreveu seu relato de parto de maneira muito forte e indignada, o que alimentou a vontade de tê-la presente no livro. Ter sua história significaria enriquecer o livro, além de mostrar, principalmente, o quanto o sistema de saúde brasileiro se mostra obsoleto e negligenciado. No mesmo grupo estava o relato de Marisa Caetano, a fonte necessária para retratar o cenário de violência obstétrica por meio da cesariana.

Para compreender o acompanhamento pré-natal e entender o sistema de saúde voltado à gestação com o olhar de quem participa, a proposta foi acompanhar a então gestante Creuza Silva. Todas as semanas, durante a reta final da gravidez, o acompanhamento à UBS Jardim Jaqueline era realizado. Em uma das vezes, durante o trajeto da ida, um motorista de aplicativo compartilhou um contato de uma prima estudante de obstetrícia chamada Maria Fernanda, a qual deu muitos respaldos científicos ao livro-reportagem.

Durante uma Audiência Pública na Assembleia Legislativa de São Paulo, a qual discutia a cesariana como possibilidade garantida à gestante usuária do SUS, muitas fontes foram contatadas, com o propósito de fazer um contraponto médico e jurídico do tema violência obstétrica. O contato foi feito com nomes importantes da política como a ex-ministra da Secretaria de Política para as Mulheres, Eleonora Menicucci e a deputada estadual Janaína Paschoal (PSL-SP). Também foram entrevistadas as médicas Tânia Lago, Daphne Rattner e Lyane Gomes.

Foi na Audiência Pública indicada pela também entrevistada, a doula Thamires Manoella que a oportunidade de falar com a última personagem surgiu. Em um primeiro momento, o contato com Danie Sampaio foi breve e houve uma série de tentativas para marcar a primeira entrevista de fato. Devido à agenda

como ativista e doula, as tentativas para a conversa foram inúmeras, mas a insistência ajudou para que ela ocorresse.

### 2.3. Planejamento Editorial

O processo de elaboração do livro-reportagem quanto a gravação e decupagem dos áudios foi realizado por mim. O restante contou com a ajuda do projeto gráfico e desenvolvimento estético da peça realizados por Antônio Fábio Lopes Reis, com as ilustrações de Felipe Serafim e a revisão de Bianca Jobstraibizer. A impressão ficou por conta da gráfica Pro Art.

#### 2.3.1. Capítulos do livro e suas angulações

A construção dos capítulos do livro teve como base a ideia de intercalar histórias das personagens que sofreram violência obstétrica com fatos, dados, e entrevistas com especialistas.

Um capítulo será complemento do outro. Por exemplo, se em um capítulo for mencionado o uso de intervenções em uma das personagens de forma marcante, o outro capítulo terá total dedicação a esclarecer o que elas são, se podem ou não ser utilizadas e o que os especialistas afirmam sobre ela. Cada início de capítulo terá uma ilustração sobre o que será retratado.

- Capítulo um: Dores Veladas

Destinado a contar a história de violência e preconceito sofridos por Izabela, mãe de um filho deficiente. Nele expus de maneira geral a violência obstétrica sofrida, os mitos que da Igreja Católica com relação ao parto e relatei a história de peregrinação obstétrica, sendo uma realidade de muitas gestantes brasileiras que precisam procurar mais de um hospital para realizar seus partos.

- Capítulo dois: O fantasma da Violência Obstétrica

Neste capítulo expus dados do que é a violência obstétrica e como ela se classifica. Relatei algumas das práticas mais utilizadas como exame de toque abusivo, restrição de posição para o parto, restrição de acompanhante e os benefícios de contar com sua presença, violência obstétrica contra o bebê e coação para fazer outros procedimentos. Este capítulo contou com as entrevistas da estudante de obstetrícia Maria Fernanda, a deputada estadual Janaína Paschoal e a doula Thamy Manoela.

- Capítulo três: Em campo com Elas

Neste capítulo eu descrevo minha trajetória ao longo da apuração do livro reportagem. Cito algumas entrevistas e lugares visitados, como a Casa Moara e a Casa Curumim. Através do meu acompanhamento junto à gestante Creuza, vou descrevendo a importância de um pré natal na gravidez e como a falta de informação pode afetar negativamente o momento do parto. Para a execução desse capítulo contei com as entrevistas da ex ministra Eleonora Menicucci, da estudante Maria Fernanda e a deputada estadual Mônica Seixas.

- Capítulo quatro: Trampolim da dor

A história de Stefany é contada neste capítulo através da ótica de como é engravidar na adolescência e passar tão nova por procedimentos altamente invasivos e tratamentos ostis. No capítulo relato o acompanhamento gestacional e algumas intervenções absolutamente desnecessárias feitas com seu corpo como, por exemplo, o uso de ocitocina sintética, uso de fórceps e episiotomia. Além disso, destrincho sobre o uso de anestesia e os preconceitos sofridos durante a gravidez até a sala de parto. [O capítulo contou com as entrevistas novamente de Maria Fernanda e da ativista e co-deputada Anne Rammi.]

- Capítulo cinco: Mãos violentas

Como um complemento ao capítulo anterior, nessa etapa eu relato como os médicos realizam as intervenções, o que são cada uma delas e se são necessárias ou não. Para dar um embasamento teórico recorri a uma breve história dos partos para alertar desde quando os procedimentos começaram a ser feitos. Dei ênfase à episiotomia, manobra de Kristeller e ponto do marido, além de relatar que todos eles levam à chamada cascata de procedimentos. As entrevistas ficaram por conta da estudante Maria Fernanda e da diretora do CREMESP, Lyane Gomes.

- Capítulo seis: Induzidas ao Bisturi

A personagem central do capítulo é Marisa Caetano. Através de sua história há um desenrolar para chegar a um tema preocupante que é a coação de gestantes por seus médicos para fazerem cesariana. Discuto um pouco qual

é o cenário do parto por cesárea na rede privada e aponto o que os médicos elegem como o "dia da cesárea".

- Capítulo sete: Os burocratas decidindo por mim

Neste capítulo traço um embate que já é histórico entre o parto cesariano e o parto vaginal. A discussão se dá na Audiência Pública de um projeto de lei sancionado pela deputada estadual Janaína Pachol. Pude relatar um pouco como foi essa audiência e o que muitas mulheres da área da saúde acham de ambos os partos. Descrevi no capítulo os malefícios e benefícios das duas maneiras de vir ao mundo, dando ênfase em como a cesariana ganhou fama e aumentou suas taxas rapidamente no Brasil, através da entrevista da médica e professora da Santa Casa de São Paulo, Tânia Lago. Conto com as entrevistas de Maria Fernanda e da palavra da deputada Marcia Lia.

- Capítulo oito: Clamor das entranhas

Neste capítulo abordo o quão negligenciado é o nosso sistema de saúde e como falta zelo em um ambiente que conta com o mínimo. A personagem dessa história é uma mulher do interior do Ceará, que precisa se deslocar mais de trinta quilômetros para ter acesso a maternidade, porque sua cidade não conta com uma. A precariedade do hospital, também está no número de profissionais que ali atuam, sendo que no dia de seu parto não havia obstetra presente, pois este estava batendo ponto na maternidade e atendendo em seu consultório particular.

- Capítulo nove: A cor da pele determina o atendimento?

A violência obstétrica por um vies racista é retratada neste capítulo que conta com dados e informações da dispareidade do tratamento entre brancas e negras durante a gravidez. Descrevo o racismo, o sexismo e a descriminalização escolar, bem como a mortalidade das mulheres negras nesse processo. O coletivo "Mães na Roda", por se tratar de um projeto social de periferia tem destaque nesse capítulo.

- Capítulo dez: Parindo amor o parto como um caminho sem medo

O último capítulo faz um apanhado geral da violência obstétrica descrita

no livro e trás como alternativa aos abusos o parto humanizado.

### 2.3.2. Layout

Dimensões: 13.5 x 21 cm; papel: cartão 300g para a capa e offset 90 g para o miolo; acabamento: brochura.

Especificações: o livro é monocromático. A imagem de capa foi produzida com o intuito de provocar uma reflexão ligando o cordão umbilical da gestante desenhada ao título, dando a ideia de que a violência obstétrica é algo naturalizado na sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do produto mostrou que escrever sobre um tema tão complexo como a violência obstétrica exige uma reponsabilidade muito grande para com o leitor. Foram meses de apuração e horas dedicadas para que, no fim, o livro-reportagem pudesse conter o máximo de informações possíveis, dando atenção redobrada aos detalhes e às histórias de personagens.

Tendo em vista o produto final, resultado de muitas pesquisas e entrevistas, pode-se dizer que o objetivo principal foi atingido: produzir não apenas um livro-reportagem sobre violência obstétrica sofrida por mulheres no Brasil, mas também investigar os impactos dessa temática na saúde pública.

Eis, contudo, a grande pergunta deste projeto: de que forma um livro-reportagem pode abordar os efeitos sociais, físicos e psicológicos da violência obstétrica?

A resposta é a de que um livro-reportagem por meio de histórias de personagens intercaladas com visões médicas e científicas consegue transmitir maior volume de informações mediante à uma linguagem leve, explicativa e atenta aos detalhes. O tema foi escolhido, justamente por se mostrar desafiador e durante todo o processo de escrita, a preocupação em retratar da forma mais fiel possível todos os acontecimentos da apuração foi grande devido ao fato de que pouco se fala sobre o tema.

O principal intuito de *As faces da dor* é expor a violência obstétrica e suas ramificações, desconstruir a ideia de que somente a palavra da equipe médica é a que prevalece e trazer o que de fato representa a autonomia da mulher e seus direitos. *As faces da dor* não é uma obra inovadora, pois seus elementos

convergem para o padrão de um livro-reportagem, contudo, ela cumpre a função a qual foi designada: expor o cenário de violência obstétrica no Brasil, tão pouco falado e trabalhado pela imprensa brasileira. Este trabalho, portanto, transforma-se em uma alternativa de colocar um tema complexo, porém trabalhado jornalisticamente, à disposição do público.

Por fim, o que se pretende fazer com o produto deste trabalho é publicá-lo com o intuito de atingir o maior número de mulheres possíveis, a fim de que elas possam saber o que é violência obstétrica para evitar passar por ela. O trabalho também contribuiu para a ideia de futuramente criar uma rede social que possa funcionar como grupo de apoio à gestantes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETOS, Dayane do Carmo. A linguagem e seus suportes: uma reflexão sobre as confluências entre o webjornalismo e o livro-reportagem. **Temática**, Ouro Preto, v. 4, n. 13, p.50-63, abr. 2016.

BELO, Eduardo. **Livro- Reportagem**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Col. Comunicação, Contexto, 2006. 144 p.

BRASIL DATASUS. Indicadores de Cobertura. Rede Interagencial de Informações para a Saúde. Porcentagem Parto Hospitalar. Disponível em <<http://www2.datasus.gov.br/DATASUS/index.php?area=0205>>

DINIZ, Simone; CHACHAM, Alessandra. **O "corte por cima" e o "corte por baixo": o abuso de cesáreas e episiotomias em São Paulo**. 2006. 1 v. p.80-91 Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/307211773\\_O\\_corte\\_por\\_cima\\_e\\_o\\_corte\\_por\\_baixo\\_o\\_abuso\\_de\\_cesareas\\_e\\_episiotomias\\_em\\_Sao\\_Paulo](https://www.researchgate.net/publication/307211773_O_corte_por_cima_e_o_corte_por_baixo_o_abuso_de_cesareas_e_episiotomias_em_Sao_Paulo)>

Fundação Oswaldo Cruz e Agência Nacional de Saúde Suplementar. **Nascer no Brasil: inquérito nacional sobre parto e nascimentos**. Rio de Janeiro. 2014. Disponível em <<http://www6.ensp.fiocruz.br/nascerbrasil/>>

Fundação Perseu Abramo e Sesc. **Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado**. São Paulo, 2010. Disponível em <<https://fpabramo.org.br/publicacoes/publicacao/pesquisa-mulheres-brasileiras-e-genero-nos-espacos-publico-e-privado-2010/>>

GARCIA, DIAZ, ACOSTA. **El nacimiento en Cuba; análisis de la experiencia del parto medicalizado desde una perspectiva antropológica**. Cuba, 2013.

Revista Cubana de Salud Pública. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232012000700029&script=sci\\_abstract&tlng=es](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232012000700029&script=sci_abstract&tlng=es)> Acesso em: 27 nov. 2018.

LAGE, Nilson (Ed.). **Linguagem Jornalística**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2001.

LIMA, E. P. **O que é Livro- Reportagem**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível**. 5. ed. São Paulo: Série Princípios, Ática, 2008. 96 p.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Prevenção e eliminação de abusos, desrespeito e maus-tratos durante o parto em instituições de saúde**. 2014. Disponível em <[https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/134588/WHO\\_RHR\\_14.23\\_porr.pdf?ua=1](https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/134588/WHO_RHR_14.23_porr.pdf?ua=1)> Acesso em: 18 agosto. 2019.

PARTO DO PRINCÍPIO –Mulheres em Rede pela Maternidade Ativa. **Dossiê da Violência Obstétrica. “Parirás com dor”. Elaborado para a CPMI Violência Contra as Mulheres**. 2012. Disponível em <<http://www.senado.gov.br/comissoes/documentos/SSCEPI/DOC%20VCM%20367.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2019.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. 2. ed. São Paulo. Contexto, 2013.

PENA, Felipe. **O jornalismo Literário como gênero e conceito**. São Paulo, v. 1, n. 1, p.1-15, out. 2006. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/77311256385591019479200175658222289602.pdf>>. Acesso em: 16 maio. 2019.

PEREIRA, Jéssica Souza et al. VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: OFENSA À DIGNIDADE HUMANA. **Brazilian Journal Of Surgery And Clinical Research - Bjsr**, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p.103-108, jun. 2016. Disponível em: <[https://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/6646/1/ARTIGO\\_Viol%c3%aanciaObst%c3%a9tricaOfensa.pdf](https://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/6646/1/ARTIGO_Viol%c3%aanciaObst%c3%a9tricaOfensa.pdf)>. Acesso em: 5 maio 2019.

RATTNER, Daphne. **Humanização na atenção a nascimentos e partos: breve referencial teórico**. 2009. 8 f. Tese (Doutorado) - Área Técnica de Saúde da Mulher. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas, Secretaria de Atenção à Saúde, Ministério da Saúde, Brasília. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v13s1/a11v13s1.pdf>>. Acesso em: 10 maio. 2019.

THE INTERCEPT BRASIL: **“Deixei virgencinha pra você”**. São Paulo: Online, out. 2018. Grande Reportagem. Disponível em: <<https://theintercept.com/2018/09/10/pontodomarido/>> Acesso em: 10 set. 2018.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2005. 1 v.

ZANARDO, Gabriela Lemos de Pinho et al. VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA NO BRASIL: UMA REVISÃO NARRATIVA. **Psicologia e Sociedade**, Porto Alegre, v. 29, n. 155043, p.1-11, jul. 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v29/1807-0310-psoc-29-e155043.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2019.